

Crônica setentrional: Alasca

Texto e fotos de
João Vicente Ganzarolli de Oliveira
Professor titular do NCE/UFRJ

http://146.164.63.47/alexandria_wp/artigos/

Para o amante da vida selvagem, o Alasca é um dos melhores lugares do mundo.

John Muir

Publicado em 17 de março de 2024.



O Alasca foi a cura para o meu desespero.” (Summer Lane)

Com uma superfície da ordem de 1.700.000 quilômetros quadrados, o Alasca é, de longe, o maior estado norte-americano. Texas, o segundo em tamanho, chega a ser duas vezes e meia menor que o gigante setentrional; daí o dito popular alaskiano segundo o qual, se o Alasca fosse dividido em duas partes, o Texas seria rebaixado a terceiro lugar no ranking da área geográfica ocupada. Consoante à realidade geológica atual, as terras alaskianas praticamente encostam na Ásia. Poucas dezenas de milhares de anos atrás (o que, para a escala de tempo geológico, acostuada a lidar com centenas de milhões e até bilhões de anos, não chega a ser um piscar de olhos), porém, existiu uma enorme ponte de gelo que ligou as terras asiáticas às americanas – que permaneceram vazias de homens até, pelo menos, o começo do Paleolítico Superior (c. 50.000 a c. 12.000 a.C.)



De origem esquimó, Mary tem um nome ocidental, mas suas feições são siberianas.

Quanto ao nome “Alasca”, ele significa “continente” e devemos-lo aos russos dos tempos da “América Russa” – ou seja, a porção do Império Czarista que continha terras americanas, mantidas sob o domínio político de Moscou de 1799 até 1867, terras essas equivalentes não só ao Alasca, mas também a postos avançados na Califórnia e no Havaí (o que já nos situa, geograficamente falando, no mundo aquático da Polinésia). “Alasca”, no entanto, não é palavra russa, mas sim escaleta, i.e., nome dado à família de línguas faladas pelos povos ditos “circumpolares”, precisamente por viverem nas imediações do Círculo Polar Norte (paralelo de latitude $66^{\circ} 33' 44''$ Norte, definidor setentrional do limite a partir do qual, no intervalo de um ano, tem-se no mínimo um dia inteiro de escuridão noturna no inverno e um dia inteiro de luz diurna no verão). Estamos a falar dos povos chamados *esquimós*, descendentes que são dos primeiros povoadores da América e que, nos dias atuais, distribuem-se entre por dois continentes: a Ásia (partes da Sibéria) e a América do Norte (o Alasca, o Ártico Canadense e a Groenlândia [geologicamente, uma parte da Placa Norte-Americana, embora pertença ao Reino da Dinamarca, que fica na Europa]).



Uma baleia alasquiana

Continuemos a falar do nome “Alasca”. Vimos que ele quer dizer “continente”, e isso nos faz lembrar que, sendo ele um território quase inteiramente nas imediações do Polo Norte, adequa-se forçosamente a esta característica tão própria do mundo ártico, que vem a ser um oceano cercado de massas de terra pertencentes a três continentes, a Europa, a Ásia e a América; é uma realidade geológica oposta à que se vê no outro extremo da Terra, que é a Antártica, continente meridional que engloba o Polo Sul e que se acha cercado por três oceanos, o Pacífico, o Atlântico e o Índico. Sobre tais particularidades falamos, anos atrás; não custa recordarmos o já dito:

Fiel à realidade que se verifica na geografia física, o nome “Antártica” quer dizer *oposta ao Ártico* (cf. pref. gr. *anti*, que indica ação contrária, + Ártico). Significando inicialmente *urso* ou *ursa*, o substantivo grego *arktós* seria utilizado também para nomear as constelações da Ursa Menor e da Ursa Maior, ambas localizadas nas altas latitudes setentrionais. Daí o adjetivo *arktikós* (que, através do latim, daria origem ao nosso termo “ártico”) como referência para o que se localiza no extremo norte do firmamento ou do planeta. As duas regiões mais frias do globo revelam-se antagônicas por natureza: enquanto o Ártico é um oceano cercado por três continentes (a Ásia, a Europa e a América), a Antártica é um continente que tem à sua volta três oceanos (o Atlântico, o Pacífico e o Índico). Em decorrência disso, a Antártica possui um clima muito mais severo do que o Ártico, uma vez que o gelo perene, aliado às grandes elevações do terreno, intensifica o frio; já as águas oceânicas atuam como fonte armazenadora de calor. Isso não impede que o continente e o oceano gelados manifestem certas semelhanças, como é o caso da perda líquida de calor solar, que ocorre em ambos; em torno dos polos, alteram-se os ciclos habituais que regem os dias e as noites; convém ainda observar que, em eras passadas, essas regiões hoje glaciais apresentavam um clima relativamente quente e estável, tal como prevaleceu em outras partes da Terra.¹

¹ João Vicente Ganzarolli de Oliveira. “O deserto de gelo”, em *Revista do Clube Militar*, ano LXX, nº 335, Rio de Janeiro, abril/maio de 1997.



Observatory Books

Uma tristeza dupla acaba de me atingir durante a redação deste artigo. Fui informado de que, em 2016, foram fechadas as portas da *Observatory Books*, a famosa livraria que, durante quatro décadas, comercializou livros novos e usados de geografia e cartografia, além de mapas, na cidade alascuana de Juneau, que tive a alegria de visitar em 2011, e de que, em 2018, morreu Dee Longenbaugh, a amável fundadora da livraria, que com tanta amabilidade me atendera por ocasião da minha visita. Octagenária por ocasião de sua morte, Dee Longenbaugh foi uma das primeiras mulheres a integrar a Comunidade Cartográfica Internacional; conhecedora de muitas terras e de muitos mares, criou raízes no Alasca, onde deixou amigos e saudades. Com duas frases dela encerraremos esta crônica setentrional: “Aos que amam os livros, eu definitivamente recomendo uma livraria.”; “É esplêndido ter uma livraria e conversar com as pessoas que a visitam.”.



Dee Longenbaugh